

# **O QUOCIENTE EMOCIONAL APLICADO AOS PROFESSORES E ALUNOS DE DIREITO**

*Elimara Jorge Rodriguez Barros*  
Advogada

## **SUMÁRIO**

*1 – Introdução. 2 – O quociente emocional e sua influência no processo educativo. 3 – As características da Inteligência Emocional e das emoções. 4 – As competências emocionais do professor aplicadas nas instituições educacionais. 5 – O processo de construção do conhecimento valorizando a globalidade do ser humano. 6 – Conclusões.*

## **1 – Introdução**

As crescentes dificuldades no ensino atual, sugere mudança de enfoque na educação com perspectivas de novas tendências pedagógicas. Neste artigo discute-se o Quociente Emocional aplicado na ação didático-pedagógica do professor de Direito, enfatizando o processo de construção do conhecimento e assim valorizando a globalidade do ser humano.

O estudo da Inteligência emocional inclui auto-consciência, controle de impulsos, persistência, auto-motivação, empatia e habilidades sociais. Demonstra fatores que atuam na maneira de ser das pessoas, aprendendo a lidar consigo mesmas, a relacionar-se com os outros, a trabalhar em equipe e desenvolver a capacidade de liderança. A partir do estudo das características da Inteligência Emocional busca-se a análise do construtivismo embasando a sistemática de trabalho do professor de Direito, de forma a direcioná-la para uma prática pedagógica inovadora e criativa que possibilite ao aluno construir o conhecimento, a sua autonomia moral e intelectual. Sugere ainda ao indivíduo favorecer as condições de desenvolvimento harmonioso, de sua personalidade, capacitando-o a buscar sua auto-realização, a partir da ação positiva no meio em que vive, como cidadão do mundo em que se insere.

## **2 – O quociente emocional e sua influência no processo educativo**

Uma questão incômoda hoje os educadores e a sociedade como um todo: qual será o papel da escola e do educador nos próximos anos? O educador deverá continuar sendo apenas “transmissor de conhecimento” ou será aquele que permitirá o surgimento de novos paradigmas didático-pedagógicos que valorizem principalmente às emoções e as inteligências múltiplas de seus alunos?

Outra questão que intriga é a procura da escola ideal, aquela cercada de professores participativos, integrados à era da globalização, que buscam o auto-conhecimento como

método para a solução de inúmeros problemas emocionais apresentados nas instituições educacionais. No curso de Direito estas questões ficam ainda mais complexas na medida em que se busca soluções para as aulas de Direito que às vezes, não motivam o aluno ao aprendizado, limitando-se apenas a transmissão de informações.

Assim, a discussão deste torna-se em função da busca do aprendizado de como lidar com as emoções na área do Direito, tendo em vista que a fórmula para atingir o sucesso repousa numa combinação equilibrada de pensamento racional agudo com controle e auto-conhecimento emocionais.

Um dos grandes desafios do professor é entender como o seu aluno aprende para a partir daí direcionar o seu trabalho didático - pedagógico. O principal papel do professor é encorajar o aluno através de atividades que lhe causem desequilíbrio colocando-o em ação, estimulando ao crescimento contínuo e sempre de melhor qualidade, ao que Piaget denomina "equilíbrio majorante"<sup>1</sup>. Extrair o potencial de cada aluno, fazendo-o crescer, de dentro para fora desenvolvendo a sua consciência, levando em conta o meio social e cultural para a construção do conhecimento, deve ser seu maior objetivo.

Neste processo de aprendizagem o professor deve adotar uma prática construtivista-interacionista, levantando questões, facilitando a integração, levando à informação e ao conhecimento, buscando desta forma o significado da conduta de seus alunos. O professor organiza o trabalho didático-pedagógico de modo que o aluno seja co-piloto de sua própria aprendizagem, ficando na posição de mediador ou facilitador desse processo.

Partindo destes pressupostos, o professor privilegia a importância da comunicação interpessoal, em particular da chamada inteligência emocional, no sentido de aproveitar melhor todo o potencial intelectual disponível de cada aluno.

Por estas razões, torna-se fundamental uma análise mais profunda e direta do estudo do quociente emocional direcionando a ação didático-pedagógica deste profissional, a fim de juntar mente e emoção, criando assim um campo de atuação compatível com a realidade educacional do aluno.

### **3 – As características da Inteligência Emocional e das emoções**

O relacionamento entre as pessoas caracteriza-se por conflitos e divergências, que bem analisados, permitem perceber os sentimentos e emoções refletidos nas ações e atitudes de cada um. Aprender a lidar com as emoções é uma tarefa difícil. Para melhor entendê-las é necessário buscar o auto-conhecimento e harmonizar os sentimentos.

Todas as emoções trazem em seu bojo impulsos que visam lidar com a vida. A própria raiz da palavra emoção é do latim *movere* – mover-se – acrescida do prefixo *e* que significa afastar-se, indicando que em qualquer emoção está implícita uma propensão para uma ação imediata.

---

<sup>1</sup> PIAGET, 1975.

As pessoas possuem repertório emocional, no qual cada emoção desempenha uma função específica e onde diferentes tipos de emoções preparam o corpo para diferentes tipos de respostas. Há uma acentuada transição entre controle racional e emocional da mente. Quanto mais intenso o sentimento, mais dominante é a mente emocional e mais intelectual, a racional. Essas duas mentes, a emocional e a racional, na maior parte do tempo operam em estreita harmonia, entrelaçando seus modos de conhecimento para orientar as pessoas no mundo.

No entanto são faculdades semi-independentes, cada uma refletindo o funcionamento de circuitos distintos, embora interligados, do cérebro. A mente racional faz conexões lógicas entre causa e efeito, a mente emocional não faz qualquer discriminação. A tarefa da mente emocional é, determinar um estado emocional específico, ditado por determinadas sensações que são dominantes num dado momento.

Na mecânica da emoção, cada sentimento tem um diferente repertório de pensamentos, de reações e mesmo de memórias. Esse repertório emocional específico se torna mais dominante nos momentos de intensa emoção. Desta forma cada grande emoção tem sua estrutura biológica característica, com padrão de alterações avassaladoras no corpo, à medida que a emoção aflora. Verifica-se que as emoções são importantes para a racionalidade. Na oscilação entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia as decisões dos seres humanos a cada momento, trabalhando de forma entrelaçada com a mente racional e capacitando ou incapacitando o próprio pensamento. Num certo sentido, as pessoas possuem dois tipos diferentes de inteligência: racional e emocional. O desempenho de cada um é determinado não apenas pelo QI (Quociente de Inteligência), mas o que conta é a inteligência emocional, pois o intelecto não pode dar o melhor de si sem a inteligência emocional.

A inteligência emocional é a somatória das habilidades descritas nas inteligências intrapessoal e interpessoal. Gardner assim as definiu: “inteligência interpessoal é a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas”. As pessoas que trabalham em vendas, políticos, professores, clínicos e líderes religiosos bem sucedidos provavelmente são todos indivíduos com alto grau de inteligência interpessoal. “A inteligência intrapessoal é uma aptidão correlata, voltada para dentro. É uma capacidade de formar um modelo preciso, verídico, de si mesmo e poder usá-lo para agir eficazmente na vida”<sup>2</sup>.

O QI e a inteligência emocional não são capacidades que se opõem sendo, no entanto distintas. Há uma ligeira correlação entre QI e alguns aspectos da inteligência emocional, embora bastante pequena. “O tipo de alto QI puro é quase uma caricatura do intelectual, capaz no domínio da mente, mas inepto no mundo pessoal”<sup>3</sup>. Os perfis de alto QI diferem do alto grau de inteligência emocional. A pessoa de alto QI é ambiciosa e produtiva, previsível e obstinada, pouco à vontade do ponto de vista sexual e sensual, inexpressiva e desligada, acima de tudo emocionalmente fria. No entanto, no lado oposto, as pessoas

---

<sup>2</sup> GOLEMAN *apud* GARDNER, 1989, p. 9.

<sup>3</sup> GOLEMAN, 1995, p. 57.

com um alto grau de inteligência emocional são socialmente equilibradas, comunicativas e animadas, não inclinadas a receios ou a ruminar preocupações. Possuem uma notável capacidade de engajamento com outras pessoas e causas, de assumir responsabilidades e de ter uma visão ética; são solidárias e atenciosas em seus relacionamentos. Têm uma vida emocional rica, mas correta; sentem-se à vontade consigo mesmas, com os outros e no mundo social em que vivem.

Na verdade, manter sob controle as emoções é fundamental para o bem-estar, pois emoções que vêm de forma intensa e que permanecem nas pessoas por muito tempo, tendem a minar a estabilidade. A forma como as perturbações emocionais podem interferir na vida mental não é novidade para ninguém, sobretudo aos professores. Alunos ansiosos, mal-humorados ou deprimidos não aprendem pois não conseguem absorver com eficiência as informações e nem elaborá-las devidamente.

Alguns estudos sobre atletas olímpicos e músicos famosos, constataram que o que eles têm em comum é a capacidade de motivarem-se para rotinas de treinos intensos. A obstinação depende de características emocionais - entusiasmo e persistência acima de tudo.

Na medida em que as pessoas são motivadas por sentimentos de entusiasmo e prazer no que fazem, esses sentimentos levam-nas à êxito. É nesse sentido que a inteligência emocional é uma aptidão mestra, uma capacidade que afeta profundamente todas as outras, facilitando ou interferindo nelas. Pessoas capazes de canalizar suas emoções, podem usar a ansiedade que antecipa uma tarefa para motivarem-se a preparação deste trabalho, preparando-se bem e obtendo assim, provavelmente, um ótimo resultado.

A capacidade de manter o autocontrole, tem sido considerada uma grande virtude. O objetivo é o equilíbrio e não a supressão das emoções, haja vista que cada sentimento tem seu valor e significado.

Outro sentimento muito importante é o chamado fluxo, capacidade de superação em determinada atividade. A capacidade de entrar em fluxo é inteligência emocional no ponto mais alto, sendo portanto, a canalização das emoções a serviço do desempenho e do aprendizado. No fluxo, as emoções não são apenas contidas e dirigidas, mas positivas, energizadas e atreladas com a tarefa que a pessoa está realizando. Na realidade, o sinal característico do fluxo é uma sensação de alegria espontânea e de êxtase. A pessoa fica definitivamente envolvida, dando atenção exclusiva à tarefa, a consciência fica em fusão com os atos. Quando a pessoa está neste estado, não se preocupa com seu desempenho, com a questão do fracasso ou invariavelmente o sucesso; o que a motiva é o puro prazer na realização do ato em si.

Para entrar em fluxo é necessário um estado de alta concentração. Na educação ocorre da mesma forma. Os alunos que entram em fluxo quando estudam saem-se melhor independentemente da medida de seu potencial.

Desta forma, as pessoas que estão sintonizadas com os sentimentos daqueles com quem se relacionam, sabendo lidar com a discordância para evitar o crescimento dela, bem como, saber liderar no sentido de convencimento e não no intuito de dominação, é a arte de entrar em fluxo na execução de um trabalho a fim de atingir a um objetivo comum mais facilmente.

Na escola é importante que as aptidões emocionais sejam tratadas com prioridade, identificando a importância que há na utilização de três tipos de aptidões da inteligência emocional: poder externar reclamações sob a forma de críticas construtivas; saber lidar com a diversidade para não se constituir em fonte de discórdia e onde o trabalho em equipe seja eficaz.

Saber lidar com a crítica é uma tarefa difícil para as pessoas em especial na relação professor/aluno. A crítica deve estar interligada com a arte do elogio. Alguns pontos são fundamentais para criticar com a habilidade, tais como: não ser evasivo nem indireto, não fazendo nenhum tipo de rodeio, dizendo o que a pessoa fez bem, o que fez mal, dando-lhe a oportunidade de mudar. A crítica deve ser acompanhada de uma sugestão para a resolução do problema, abrindo portas para outras alternativas de que a pessoa não se seu conta. As críticas como os elogios são mais efetivas cara a cara e sempre que possível em particular, para que a pessoa que a recebe tenha oportunidade de resposta ou preste esclarecimentos. A pessoa que critica deve ser sensível para abrir caminho a fim de uma correção e não criticar de forma sarcástica, destrutiva, criando assim um revide emocional de ressentimento e distanciamento.

O estudo e a análise de todas estas emoções constituem a base da inteligência emocional. Estas aptidões emocionais começam a serem moldadas nos primeiros anos de vida das pessoas, embora estas aptidões continuem a formar-se durante todo o período escolar, são o alicerce essencial de todo o aprendizado.

É possível que um grupo de trabalho composto por variadas forças e perspectivas, produza soluções melhores, mais criativas e mais eficazes que o trabalho individual de cada um. Quando os alunos trabalham juntos em condições de igualdade, como nas equipes esportivas por exemplo, é mais fácil alcançar uma meta. Sempre que os alunos trabalham em equipes têm-se um QI de grupo, que é a soma total dos talentos e aptidões de todos os envolvidos. A forma como realizarão as tarefas, bem como o êxito que obterão, serão determinados pelo nível desse QI. A chave para um alto QI de grupo é a harmonia existente entre os membros que compõem a equipe, e essa capacidade de harmonizar, tornará o grupo mais talentoso, produtivo e bem sucedido.

As aptidões básicas da inteligência emocional são cada vez mais importantes nos trabalhos em equipe, na cooperatividade e na ajuda mútua entre os alunos para que aprendam juntos como trabalhar com mais eficiência. O sucesso dos alunos na vida profissional depende de fatores sociais e fundamentalmente emocionais como: a auto-confiança e interesse.

É notório que a vida em família dificilmente proporciona uma base muito segura, restando às instituições educacionais a busca de corretivos para as deficiências das pessoas na esfera social e emocional. Isso não significa que as escolas sozinhas possam substituir todas as instituições sociais. No entanto, cabe aos professores ir além de sua missão tradicional e buscar reforço nas lições emocionais, transmitindo a seus alunos mensagens consistentes sobre competência emocional em todas as áreas da vida. Quando o aluno está consciente de suas emoções, fica mais apto ao sucesso e a compreensão. Na busca desse sucesso deve-se ter uma visão ampla e global da realidade, criatividade, competência, capacidade de relacionar-se bem e acima de tudo ter boa auto-estima.

## 4 – As competências emocionais do professor aplicadas nas instituições educacionais

Não basta apenas saber lidar com as emoções, faz-se necessário também ter aguçada a chamada competência emocional que é a capacidade adquirida baseada na inteligência emocional que resulta num desempenho destacado no trabalho. Para Goleman estas competências dividem-se em: competência pessoal que determinam como as pessoas lidam consigo mesmo englobando a auto-percepção, auto-realização e motivação e, competência social que determina como as pessoas lidam com relacionamentos por meio de percepção dos sentimentos, necessidades e aptidões sociais.

A auto-percepção engloba três outras competências emocionais, a percepção emocional, a auto-avaliação e a auto-confiança. A percepção emocional traduz o reconhecimento de como as emoções afetam o desempenho e a capacidade de utilizar os valores pessoais na tomada de decisões. Graças a ela o professor consegue administrar os seus sentimentos rebeldes, mantendo-os motivados e em sintonia com os sentimentos dos alunos e desenvolvendo habilidades relacionadas ao trabalho, inclusive as essenciais para a liderança e o trabalho em equipe.

A auto-avaliação é o tipo da competência que faz a pessoa conhecer os próprios recursos, capacidades e limitações interiores. O professor que normalmente busca receber comentários sobre seu trabalho, na ânsia de saber como os outros o percebem, entendendo que isto constitui uma informação relevante para o desenvolvimento profissional, desenvolve a sua auto-avaliação. Assim, a sua auto-avaliação o ajuda no processo de melhoria constante a fim de efetuar as mudanças necessárias, pois o conhecimento dos pontos fortes e das deficiências são algumas competências encontradas em profissionais que se destacam. “Os melhores profissionais conhecem bem a si mesmos”<sup>4</sup>.

A auto-confiança é uma competência que gera nas pessoas um forte senso do próprio valor e da própria capacidade. O professor que não tem auto-confiança a cada fracasso, confirma-se uma sensação de incompetência, desencadeando sentimentos de incapacidade, impotência e dúvidas sobre si mesmo. No entanto, a auto-confiança não deve ser confundida com imprudência, ela deve estar em conformidade com a realidade. Desta forma, o professor auto-confiante normalmente se mantém firme em suas decisões assumindo o risco de se manifestar e apontar os problemas ou as injustiças.

Já a auto-realização é a capacidade que a pessoa tem de lidar com os próprios estados interiores, impulsos e recursos. Os professores com essa competência geralmente gerenciam bem seus sentimentos impulsivos e as emoções aflitivas e conseguem permanecer impassíveis mesmo em situações difíceis e concentrados sob pressão.

A motivação é uma tendência emocional que guia e facilita a pessoa a fim de atingir um objetivo. O professor que tem desempenho destacado, normalmente possui três competências motivacionais: o desejo de melhorar ou de ser o melhor; a dedicação que nada mais é do que a adoção da visão e das metas do grupo e a iniciativa que o mobiliza de

---

<sup>4</sup> GOLEMAN, 1998, p.82.

agarrar as oportunidades habilitando-o a absorver com facilidade os obstáculos. Para melhorar o relacionamento com os alunos o professor deve ter uma aptidão natural para induzir nos outros as respostas desejáveis. Esta aptidão é traduzida pelas habilidades sociais que abrangem várias outras competências.

Desta forma, as habilidades sociais fazem com que o professor consiga lidar bem com as emoções no relacionamento com os alunos, interagindo com mais facilidade, utilizando essas habilidades para liderar, negociar e solucionar divergências, bem como para a cooperação e o trabalho em equipe. Assim, uma elevada inteligência emocional e o desenvolvimento das competências emocionais são fatores chaves para atingir o sucesso.

## **5 – O processo de construção do conhecimento valorizando a globalidade do ser humano**

A inteligência se constrói na relação que a pessoa estabelece com os objetos e também com outras pessoas, desenhando modos de pensar sobre si e sobre “coisas” do mundo. O desenvolvimento sócio-afetivo também é resultado da interação que a pessoa estabelece desde o nascimento, com as várias figuras e objetos, o qual também desenha moldes e padrões de relações característicos.

A construção do conhecimento requer um processo ativo por parte da pessoa e pressupõe necessariamente ações, quer sejam sensoriais, quer interiorizadas, as quais tendem à uma coordenação<sup>5</sup>. Do ponto de vista construtivista, as ações traduzem dois aspectos indissociáveis e presentes no desenvolvimento: o estrutural e o funcional.

As abstrações empíricas correspondem às generalizações indutivas, referindo-se à reconstrução que envolve objetos físicos exteriores ao indivíduo; já as abstrações refletoras e refletivas correspondem às generalizações construtivas, procedem a partir das ações e operações do indivíduo permitindo que haja uma projeção, um reflexo, no plano superior daquilo que é extraído do anterior, pressupondo uma reorganização em um novo plano. Assim, a aprendizagem vista pelo ângulo construtivista se dá por intermédio destes mecanismos do pensamento, os quais caracterizam o processo de tematização. A aprendizagem é construída numa descoberta constante.

Quando o aluno pensa, compara, estabelece relações, a aprendizagem é transmitida de forma lúdica, prazerosa, através de desafios e conflitos cognitivos. A arte não entra no aluno, sai dele, pois ele é o ponto de partida de toda aprendizagem.

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e ao desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. Rejeita a apresentação de conhecimentos prontos ao aluno, como algo definitivo, e utiliza, de um modo inovador, técnicas tradicionais, como a memorização e não o aprendizado decorado que simplesmente faz o aluno estocar informações a curto prazo. Desta forma o aluno aprende melhor quando toma parte de forma direta da construção do conhecimento que adquire, reformando seus conceitos.

---

<sup>5</sup> WECHSLER, 1995.

O construtivismo enfatiza a importância do erro não como tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. O construtivismo condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno. Não se deve afogar o aluno com coisas prontas e acabadas; o caminho a ser trilhado é o da descoberta, da aventura do saber.

O construtivismo não é método, mas uma teoria que embasa o professor para uma prática pedagógica inovadora, criativa, que leva o aluno a construir o conhecimento, a sua autonomia moral e intelectual.

“O trabalho do professor consiste em averiguar o que é que o aluno já sabe e como raciona, com a finalidade de formular a pergunta precisa, no momento exato, de modo que o aluno possa construir seu próprio conhecimento<sup>6</sup>”.

O compromisso fundamental do professor construtivista é com a formação do cidadão que deve passar necessariamente pela apropriação de conhecimentos, buscando a democratização do saber humano.

O papel do professor é promover a interação aluno/objeto de conhecimento. O professor deve nas atividades pedagógicas, nas intervenções mediadoras, nos questionamentos e conversações dialógicas buscar interação do aluno com o objeto de aprendizagem e vice-versa, senão não acontecerá a ação construtivista.

Outra função fundamental do professor é encorajar o aluno através de atividades que lhe causem desequilíbrio ou o coloquem em ação. O aluno é que está construindo o conhecimento. Ocorre porém, que o professor entra como mediador dessa construção, desempenhando o elo entre o aluno e a matéria de aprendizagem, não só apresentando a matéria, mas questionando, interrogando e fazendo o aluno pensar por comparação, seriação, classificação, causalidade e reversibilidade.

No entanto, neste processo de construção do conhecimento no sistema de ação-reflexão-ação ou do movimento da passagem da ação para a concentração, isto é, das atividades interpessoais para as atividades intrapessoais, o professor deve saber, que sem a mediação dos erros esses processos não acontecem. O erro é fator de extrema importância na construção do conhecimento e a postura perante ele é uma de suas marcas distintivas.

“Os erros são parte importante da experiência de qualquer ser humano. Se não o conhecermos, em breve podemos vir a repeti-los. Basicamente não há nada de errado em cometer erros. Porém, tornar impossível a sua correção é insanidade pura<sup>7</sup>”. É pela mediação dos erros que ocorre o processo de equilíbrio majorante. A equilíbrio se faz por tentativas e erros, e por correção de erros.

Um desafio construtivista do professor é aprender algo como conteúdo e de ensiná-lo como forma. Aprender é assimilar, é compreender, é poder lidar com o saber captado de várias formas. É verbalizar, escrever, organizar na mente e aplicar o saber em diferentes situações. As mudanças no processo de ensino aprendizagem a partir do construtivismo e do estudo do quociente emocional, devem trazer repercussões também na avaliação do desempenho do aluno.

<sup>6</sup> MATUI apud KAMII e DEVRIES, 1987, p.89.

<sup>7</sup> MATUI, apud ALVES, 1987, p.92.



As questões prontas, que não deixam margem a deduções e conclusões em nada enriquecem o aprendizado. Servem, quando muito, para gerar nota, pois o conhecimento e o aproveitamento são prejudicados e com o passar dos dias, o aluno nem sequer se lembrará das informações que foram exaustivamente decorado. A avaliação deve extrapolar a quantificação do aprendizado; a preocupação excessiva com “notas”, confundindo avaliar e quantificar, só traz prejuízos ao desenvolvimento cognitivo do educando. Como um processo constante de diagnóstico, não pode ser nada pronto e fechado.

A avaliação deverá visar a formação integral do cidadão, pois quando bem aplicada, serve para detectar falhas no ensino, permitindo uma readequação dos procedimentos didáticos e até mudanças de conteúdos. O professor deve fazer da avaliação não só um processo de medida, de verificação de resultados, mas sim, uma aliada no seu próprio desempenho profissional, um recurso de aprendizado que professores e alunos constroem em parceria.

Na avaliação construtivista, as questões que exijam do aluno raciocínio, discernimento e, principalmente que permitam a ele desenvolver senso crítico e crescimento como pessoa devem tomar o lugar daquelas tradicionais perguntas com respostas prontas, que não facilitam em nada o surgimento de pessoas preocupadas com o país e com a humanidade no seu todo, nem de pessoas aptas a enfrentar as exigências do mundo globalizado. Uma avaliação que inclua questões e procedimentos do dia a dia do aluno, forçando-o a um caminho de mão dupla com a escola, onde o que se ensina e o que se aprende tem realmente utilidade para si e para a sociedade. Para que isto ocorra, faz-se necessário que os conteúdos escolares não se limitem aos conceitos mas incluam procedimentos, habilidades, estratégias, valores, normas e atitudes. Tudo deve ser assimilado de tal maneira que possa ser utilizado como subsídio para resolver problemas nos vários contextos.

“ Não se trata mais de perguntar o que o professor pretende do aluno. Nem o que o aluno pretende mostrar ao professor. Mas o que o professor e aluno, engajados na descoberta e elaboração do conhecimento, pretendem desse conhecimento no mundo a fim de justificar a transformação desse mundo”<sup>8</sup>.

Desta forma a avaliação tem como objetivo explicitar o processo de ensino-aprendizagem, pelo qual o aluno e o professor passaram, sendo um elemento integrador entre a aprendizagem do primeiro ( revelando as conquistas realizadas ou não) e o desempenho, os conteúdos selecionados, os métodos e a eficiência dos procedimentos didáticos adotados pelo segundo. O aluno tem que aprender com a avaliação e não apenas responder aos estímulos.

Para ser construtivista, a avaliação tem de ser mediadora onde o objetivo é promover a construção e organização do conhecimento. O grande papel da avaliação qualitativa e mediadora é a inclusão. Avaliar para incluir e não para classificar ou excluir. Assim, a avaliação deve ser contínua e ter caráter diagnóstico, visando detectar dificuldades e falhas no processo de aprendizagem, respeitando a diversidade de características e de necessidades de todos os alunos.

---

<sup>8</sup> CARVALHO, 1994.

## 6 – Conclusões

Nesta nova proposta de aprendizagem, o professor deve levar em consideração os aspectos emocionais dos estudantes, buscando a verificação quanto à motivação ou não ao aprendizado.

O papel das emoções no processo ensino/aprendizagem é o de despertar nos professores e alunos bases emocionais seguras, tendo por meta a construção de um ser humano integral em sua imensidão e uma escola voltada para a vida. Na busca do contato com as emoções, o professor deve ter sua competência emocional voltada para os próprios estados interiores e intuições, além de ter a percepção dos sentimentos, necessidades e preocupações dos estudantes, procurando neles as respostas desejáveis. Ademais, ter em mente que a inteligência emocional é o resultado de uma combinação de temperamento inato, experiência da infância e do aprendizado posterior. Não é algo uniforme ou imutável, pois mesmo os alunos com elevado quociente emocional como um todo, podem ser fortes em algumas habilidades específicas e relativamente mais fracos em outras. A maior parte destas habilidades pode ser melhorada por meio do aprendizado e da prática.

Quando se fala em emoções remete-se automaticamente ao poder de sensibilização que os indivíduos possuem, bem como com a capacidade de desenvolver habilidades e qualidades na busca de soluções para os conflitos. Na realidade uma das fórmulas para o sucesso repousa numa combinação de pensamento racional com controle e de autoconhecimento emocional, haja vista que a inteligência emocional engloba a capacidade de autoconsciência, controle de impulsos, persistência, empatia e habilidade social.

Diante destas conclusões, sugere-se a mudança de enfoque que o professor dever ter, não apenas direcionar suas aulas enfatizando os dispositivos legais, mas levar em conta o quociente emocional de cada um e com suas implicações. Ressalta-se que o professor de Direito, bem como seus alunos devem acompanhar sobretudo as mudanças do mundo globalizado e suas implicações no estudo do Direito. Além disso, recomenda-se que o professor ao ensinar considere as aptidões básicas do coração, com uma programação de aprendizagem que além dos conteúdos tradicionais inclua ensinamentos que auxiliem os alunos a dominarem as habilidades humanas e lidar com as próprias emoções.

Desta forma, professor e alunos podem aprofundar as estratégias, reformulando objetivos e ampliando o campo de atuação em relação ao ser humano e às suas capacidades intelectuais, estando aberto a mudanças, tendo consciência de que o poder de transformar é um processo lento e contínuo.

*“Se você quiser mudar o mundo, mude primeiro a si mesmo” (Sócrates).*